

## **Curso - Como aprimorar o diálogo entre a escola e familiares/responsáveis?**

### **Módulo 2 - Como aprimorar as reuniões coletivas e individuais com familiares e responsáveis?**



#### **Ampliação Conceitual**

#### **Texto de referência:**

#### **Como a reunião com familiares/responsáveis pode ganhar intencionalidade?**

**Renata Grinfeld, coordenadora pedagógica e formadora na Roda Educativa**

Um dos desafios históricos da educação é a construção de uma boa parceria entre escola e família. Para além da intenção, são necessárias ações de aproximação dessas duas instituições, principais referências de vínculos para bebês, crianças, adolescentes e jovens. Entre diferentes possibilidades, as reuniões com familiares/responsáveis se configuram, de modo geral, como uma atividade consolidada. Entretanto, ainda é frequente a frustração frente às expectativas para esses encontros – tanto da parte da escola como das famílias. Neste texto analisaremos algumas possibilidades para que esse tipo de reunião se efetive em seu propósito de oportunizar espaços de diálogos e construir parcerias.

Nenhuma pessoa que atua na escola deseja investir tempo e outros recursos em um planejamento de encontro com familiares/responsáveis que seja frustrante ou improdutivo. Entretanto, as pautas que servem de base para essas reuniões estão, costumeiramente, focadas em informes, com poucos espaços de

participação de familiares/responsáveis. Estes, por sua vez, se limitam a ouvir, entender o que precisam fazer e ir embora.

Porém, o papel de familiares/responsáveis pode e deve ser mais amplo, como nos orienta a própria Lei de Diretrizes e Bases (LDB)<sup>1</sup>, mais especificamente em seu artigo 3º, inciso VIII, que traz a importância da gestão democrática. Com base nessa perspectiva é possível questionar: como tornar os encontros com familiares/responsáveis mais intencionais e participativos?

As reuniões podem ser coletivas ou individuais e, para pensar sobre isso, é preciso ponderar sobre o que é público e o que é privado. As questões de funcionamento da escola, de projeto político-pedagógico – visão, valores e missão da escola – de currículo, avaliação e projetos, entre outros temas gerais, são sempre do âmbito coletivo. Normas e regras também se encaixam nessa categoria, mas conflitos podem ser temas gerais ou específicos: alguns refletem questões gerais, mas há aqueles individuais, que envolvem poucas pessoas.

É essencial que a escola trate questões e conflitos específicos em reuniões individuais com familiares/responsáveis, evitando a exposição ou estigmatização de estudantes, bem como de seus responsáveis. Esse cuidado cria um ambiente seguro e respeitoso, permitindo que as particularidades de cada estudante, como aspectos relacionados a seu desenvolvimento e/ou atitudes e comportamentos, sejam tratadas de forma séria, ética e atenciosa. Nas reuniões individuais, educadoras/es e famílias podem dialogar de maneira mais aberta e direcionada sobre as necessidades de cada um, fortalecendo a colaboração entre a escola e a família e promovendo o melhor suporte para o desenvolvimento integral.

A escola pode e deve aproveitar esses encontros para valorizar a participação de familiares/responsáveis de acordo com seus conhecimentos e papéis, que são diferentes dos conhecimentos e papéis de quem trabalha na escola. A proposta é, portanto, trazer essa intencionalidade para o centro da pauta, de modo a garantir a complementaridade que essa escuta oferece,

principalmente quando a escola foca no desenvolvimento integral das crianças, dos adolescentes e dos jovens.

A seguir, destacam-se estratégias e atitudes a serem contempladas nas reuniões individuais e coletivas.

### **Estratégias para reuniões individuais**

Por que e como fazer reuniões individuais? Esta estratégia será desenvolvida a partir do caso a seguir.

Uma criança, além de registrar rendimento escolar abaixo do esperado em diferentes componentes, apresenta também dificuldade de interação tanto com adultos como com outras crianças – se isola, não fala etc. É preciso compreender seu histórico e encontrar a maneira de ajudá-la em parceria com familiares/responsáveis, bem como articular o caso com outros equipamentos públicos, quando se julgar necessário. Assim, cabe à professora/or, com a gestão escolar, convidar familiares/responsáveis para uma conversa, a fim de ampliar a compreensão que têm daquela criança para que possam, coletivamente, ajudá-la em seu processo educativo. Neste caso, a informação que vem de casa é essencial. A perspectiva de familiares/responsáveis conta muito sobre quem é aquela pessoa que, na escola, não se expressa, não cria vínculos e não se deixa conhecer. Então, o que se espera dessa reunião individual? De forma geral, espera-se que as duas partes – escola e família – construam confiança e consensos com o objetivo de apoiar o desenvolvimento da criança.

Para isso é essencial acolher familiares/responsáveis, estabelecendo espaços de escuta na reunião. Pode-se contextualizar o convite por meio de um breve relatório sobre o que a equipe de educadores observam a respeito da criança na escola, seja em sala de aula, seja no pátio ou em outros espaços. Além de contarem suas observações, vale mostrar os registros das intervenções e interações realizadas, a fim de ilustrar o caso. Em seguida, é o momento de ouvir

como a criança é ou se comporta em outros espaços. Pode ser que essa conversa flua naturalmente, mas, se precisar, reuni abaixo algumas perguntas que podem favorecer o diálogo:

- A criança se comunica bem em casa?
- Como ela se comunica?
- Ela come bem em casa?
- O que ela gosta de comer?
- Do que ela gosta de brincar?
- Ela brinca com outras crianças?
- Pratica alguma atividade esportiva ou tem alguma atividade cultural na comunidade?
- Ela conta algo sobre a escola? Se sim, o que?
- Querem falar sobre outras questões que julguem importantes e que não perguntamos até aqui?

Com base no que familiares/responsáveis compartilharem, as/os educadores conseguem entender um pouco sobre a criança e avaliar a necessidade de encaminhamento a algum serviço de saúde. Nesse caso, consultam familiares/responsáveis sobre o que pensam a respeito de um atendimento, quais as condições para que isso aconteça e se têm disponibilidade de acompanhar a criança. Também é importante que a escola traga outras orientações sobre oportunidades de apoio, por exemplo, o incentivo para que conversem com a criança sobre o que está aprendendo e pedir para ver seus cadernos e registros, mesmo que não tenham conhecimento acadêmico sobre o conteúdo. O que importa aqui é a família demonstrar interesse pelo processo educativo e valorizar cada avanço em termos de aprendizagens.

É fundamental também definir as responsabilidades de cada ator. O final da reunião é marcado pelo momento em que a escola e a família chegam a acordos e encaminhamentos. Ambas se responsabilizam por ações combinadas no encontro. Uma sugestão é que tudo seja documentado e compartilhado com familiares/responsáveis, por meio do registro em ata. Nesse caso a/o profissional faz a leitura de cada ponto, valida com a família e, depois, ambos assinam o documento. Esse registro fica na pasta da/o estudante para consultas e, por isso, é preciso lembrar que, no futuro, esse conteúdo pode ser recuperado por profissionais que não vivenciaram aquela situação. Portanto, a escrita objetiva e coesa pode contribuir para o entendimento do histórico. É importante considerar que essa é uma conversa delicada que exige sensibilidade e, talvez, muitas “idas e vindas”, ou seja, muitas conversas. O registro apoia esse processo, bem como o acolhimento diante de sentimentos como a negação, por exemplo.

Por fim, destaco quatro pontos fundamentais para as reuniões individuais:

1. o acolhimento da família em suas demandas;
2. a explicitação, por parte da escola, da importância da parceria para que alcancem aquele objetivo comum;
3. a ampliação de caminhos possíveis mediante a apresentação de equipamentos públicos e prestação de serviços à comunidade (saúde, cultura, esporte, por exemplo) ou outras opções de atendimento, a fim de apoiar na solução do problema colocado;
4. o não julgamento da/do estudante ou da família. O foco deve estar sempre na resolução do problema para chegarem, de maneira colaborativa, à solução. Para isso, podem ser agendadas outras conversas que efetivem o acompanhamento.

### **Estratégias para reuniões coletivas**

Para dar início às reuniões de familiares/responsáveis, vale planejar com base em uma consulta prévia. Por exemplo, as equipes gestora e docente podem apurar tanto o melhor dia e horário para facilitar o comparecimento, como

investigar temas de interesse. Isso favorece que as famílias se sintam contempladas em suas demandas – uma ação prática diante da constatação da dificuldade de obter participações nessas ocasiões. Assim, é importante considerar diferentes mídias para ampliar as possibilidades de comunicação. Para isso, é fundamental conhecer as formas pelas quais a comunidade escolar se comunica: utilizam *e-mails*? Usam WhatsApp? Respondem mais quando as mensagens são de texto ou de áudio?

A outra estratégia de mobilização tem a ver com a escuta: o que as famílias querem saber? Claro que não é possível contemplar sempre a expectativa de todos e se a pergunta for muito aberta podem chegar temas que não dialogam com a prática da escola, mas as equipes podem pensar em algumas possibilidades. Por exemplo:

- a. O que a escola pensa sobre a lição de casa: por que e para que?
- b. Como são definidos os projetos estudados na escola?
- c. A importância da leitura literária.
- d. A importância da boa nutrição para a aprendizagem.

Com alternativas de escolha temática, a escola dá aos familiares/responsáveis uma oportunidade de decisão de acordo com assuntos de maior ou menor interesse. Contemplando a resposta da maioria, a escola define e prepara a próxima reunião, comunicando a decisão com base em uma escolha coletiva.

Outra dica é valorizar a reunião realizada: colocar fotos do encontro, os principais temas discutidos e, ainda, deixar curiosas as pessoas que não puderam comparecer, com mensagens que mostrem a disponibilidade da escola e promovam a interação também entre as famílias. Por exemplo: “Quem não pode comparecer, pode procurar as equipes docentes e da gestão, além de conversar

com outros familiares/responsáveis que vieram. Estamos à disposição e queremos sua participação!”

A Pesquisa Relação Família-Escola (Itaú Social, 2018), que investigou e sistematizou boas práticas de aproximação entre escolas e familiares/responsáveis, mostra a importância da intencionalidade:

*“Como aprendizado geral, podemos dizer que para aproximar as famílias da escola não é preciso reinventar a roda! Muitas iniciativas obtiveram sucesso simplesmente utilizando recursos que já estão nas comunidades ou trabalhando detalhes na interação com as famílias. Por exemplo: muitas escolas conseguiram levantar recursos simplesmente conectando os pontos do sistema e colocando todo mundo na mesma página. Outras criaram formas eficazes de se conectar com os familiares/responsáveis por meio de um olhar atento às suas especificidades – como disse um gestor da rede: “é pouca coisa que faz aproximar, é o detalhe mesmo”. É claro que este não é um trabalho simples: é preciso que haja intencionalidade e investimento das redes para que essas mudanças aconteçam (p. 5).*

Para finalizar, vale lembrar: a fim de romper com a cultura da queixa, a escola precisa dar o primeiro passo, lembrando que deve pedir apoio à rede em que está inserida para seguir realizando movimentos para a construção do diálogo produtivo com familiares/responsáveis que é tão importante para garantir uma educação integral a todas/os bebês, crianças, adolescentes e jovens.

## Referências bibliográficas

ALTHUON, Beate G.; ESSLE, Corinna H.; STOEBER, Isa S. *Reunião de pais: sofrimento ou prazer?* São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

Itaú Social. Pesquisa Relação Família-Escola – Estudos de casos de redes. 2018. [https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2020/12/Pesquisa-Relacao-Familia-Escola\\_relatorio-final.pdf](https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2020/12/Pesquisa-Relacao-Familia-Escola_relatorio-final.pdf). Acesso em: 11 dez. 2024..

PEREZ, Tereza. *Diálogo escola-família. Parceria para a aprendizagem e o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens.* São Paulo: Moderna, 2019.